



Data: 01.02.2026

Título: Sidónio Pais O rosto da utopia efémera de uma "República (quase) ova

Pub:

SUPER
INTERESSANTE

SUPLEMENTO
ESPECIAL

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Revista Especializada Mensal

Secção: Nacional

Pág: 105;104;106;107;108;



Fotografia oficial do
Presidente da República
Sidónio Pais. Fonte:
Museu da Presidência
da República.

Área: 2863cm² / 65%

Tiragem: 58.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 8284268



Data: 01.02.2026

Titulo: Sidónio Pais O rosto da utopia efémera de uma "República (quase) ova

Pub:

SUPER
INTERESSANTE

SUPLEMENTO
ESPECIAL



Tipo: Revista Especializada Mensal

Secção: Nacional

Pág: 105;104;106;107;108;

Sidónio Pais

O rosto da utopia efémera de uma “República (quase) Nova”

ALEXANDRE HONRADO

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Área: 2863cm² / 65%

Tiragem: 59.400
FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 8284268



Data: 01.02.2026

Título: Sidónio Pais O rosto da utopia efémera de uma "República (quase) ova

Pub:

SUPER
INTERESSANTE

SUPLEMENTO
ESPECIAL

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Revista Especializada Mensal

Secção: Nacional

Pág: 105;104;106;107;108;



Sidónio Pais enquanto oficial cadete do Regimento de Artilharia n.º 2 de Torres Novas (1893). Fotografia de Augusto Bobone, Museu da Presidência da República.

A História de Portugal foi escrita com muito sangue – e, nela, a passagem existencial de Sidónio Pais, efémera e mais simbólica do que eficaz, é disso um bom exemplo.

Entre as brumas da memória nacional, Sidónio é hoje, apenas, uma figura com uma biografia ténue, com sabor a lenda, que divide o imaginário dos (muito poucos) que ainda o recordam. (Sim, a memória não é o prato forte da cultura nossa contemporânea).

Minhoto, natural de Caminha onde nasceu a 1 de Maio de 1872, Sidónio Bernardino Cardoso da Silva Pais foi um militar e político, que a Primeira República ajudou a promover. Entre outras funções, exerceu os cargos de Deputado, de Ministro do Fomento, de Ministro das Finanças, de Embaixador de Portugal em Berlim, de Ministro da Guerra, de Ministro dos Negócios Estrangeiros, de Presidente da Junta Revolucionária de 1917, de Presidente do Ministério e finalmente de Presidente da República Portuguesa. Oficial de Artilharia, foi também maçã (por breve período, na Loja Estrela de Alva, em Coimbra, com o nome de “irmão Carlyle”) e pro-

fessor na Universidade de Coimbra, onde lecionou Cálculo Diferencial e Integral e onde assumiu funções como vice-reitor, nomeado em 23 de outubro de 1910 numa opção clara do recém instaurado regime ao conferir responsabilidades a uma nova geração dos seus apoiantes e partidários.

Morreu abatido a tiro por um opositor político.

Sidónio Pais, apesar de agir como um republicano discreto, ativo apenas nos bastidores da ação e da conspiração e porque distante das luzes da ribalta, viria a ser uma estrela de grande brilho episódico da República, protagonista do País ao tomar o poder num ato violento, um golpe de Estado que lhe trouxe a fama e alguma glória relampejante. A 5 de dezembro de 1917 chefiou um motivado grupo de militares e derrubou o governo que estava em funções. Os combates saíram à rua.

Sidónio fez-se rodear de uma guarda pessoal de (algumas centenas de) jovens cadetes da Escola de Guerra. Deu voz ativa ao bombardeamento dos navios de guerra ancorados no Tejo pelo Regimento de Artilharia 1.

SIDÓNIO PAIS VIRIA A SER UMA ESTRELA DE GRANDE BRILHO, MAS DE CARÁTER EPISÓDICO, DA REPÚBLICA

Área: 2863cm² / 65%

Tiragem: 59.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 8284268



Data: 01.02.2026

Título: Sidónio Pais O rosto da utopia efémera de uma "República (quase) ova

Pub:

SUPER
INTERESSANTE

SUPLEMENTO
ESPECIAL

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Revista Especializada Mensal

Secção: Nacional

Pág: 105;104;106;107;108;

É do domínio histórico que as tropas se entrincheiraram depois no Parque Eduardo VII (que durante alguns anos foi referido popularmente como o Morro do Sidónio). Travaram-se contendas mais ou menos violentas até ao dia 8, com bombardeamentos e combates em diversas zonas da cidade, estimando-se em milhares os feridos e em pelo menos uma centena os mortos.

O político e militar Teófilo Duarte (o mesmo que José Relvas apodava de louco nas suas *Memórias Políticas*¹) na sua bem personalizada versão de narrar os acontecimentos em que participou ativamente, conta que “os meus 40 cavaleiros do Regimento [de Cavalaria] 7 com que Sidónio iniciou a revolução e com os quais foi sublevar a Escola de Guerra e Artilharia I, se encontraram confiados exclusivamente à sua coragem e à de umas quatro centenas de cadetes e homens do 33, pela noite adiante foram chegando as restantes unidades revoltadas, ficando o Governo apenas com cinco contra as nossas sete. Ao todo tinham conseguido reunir forças do Exército com a maioria da artilharia disponível — os Regimentos de Artilharia 1 e Infantaria 5 e 16 de Lisboa, o Regimento de Cavalaria 7 de Nelas, o de Infantaria 33 de Faro, com partida marcada para França — perfazendo cerca de mil e quinhentos homens, mais cerca de quatrocentos cadetes da Escola de Guerra e um número indeterminado de civis, recrutados entre populares de zonas degradadas da cidade e no sector operário e sindical”².

É claro que a vitória do golpe de estado teve muitos fatores a suportá-la: o verdadeiro homem forte da Primeira República, Afonso Costa, não estava em Portugal. O exército português era uma sombra no território nacional, já que os homens portugueses tinham sido mobilizados para a Guerra Mundial. O povo estava desesperado, faminto, ainda há pouco levava para a rua protestos violentos — na chamada Revolta da Batata, levantamento popular contra a fome e o aumento do custo de vida, um pouco por toda a parte nas grandes cidades, entre 19 e 21 de maio de 1917. Setores operários e sindicais entusiasmaram-se com a dinâmica do golpe, esperando ver sair dele uma nova etapa positiva para o país. Os monárquicos equivocaram-se: entenderam ver em Sidónio um intérprete do passado. Os religiosos confessionais acreditaram estar ali uma solução para as mais diversas perseguições religiosas protagonizadas pelos republicanos.



Fotografia de Sidónio Pais (1875-1945),
Museu da Presidência da República.

1 RELVAS, José. (1978). *Memórias Políticas*. vol. 2, Lisboa: Terra Livre, p. 93.

2 DUARTE, Teófilo. (1941). *Sidónio e o seu consulado*. Lisboa: Portugalíia, p. 165



Data: 01.02.2026

Título: Sidónio Pais O rosto da utopia efémera de uma "República (quase) ova

Pub:

SUPER
INTERESSANTE

SUPLEMENTO
ESPECIAL

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Revista Especializada Mensal

Secção: Nacional

Pág: 105;104;106;107;108;

Apesar da facilidade deste aparente triunfo, o consulado de Sidónio não foi coroado de êxito e mesmo acreditando numa nova etapa para a vida nacional acabou por perder o poder e a vida, morrendo ele também violentamente às mãos de quem acreditava fazer outro tipo de justiça em nome de valores ideológicos diferentes e perpetuadores da linha inicial coerente com o que havia nascido a 5 de outubro de 1910.



Nesta fotografia, Sidónio Pais presta juramento no Parlamento após a sua eleição para Presidente da República, 1918. Arquivo Municipal de Lisboa.



Bilhete postal caricaturando a subida de Sidónio Pais ao poder - como ditador - afastando, por via de um golpe militar, o governo do Partido Democrático de Afonso Costa, este, surgindo com uma condecoração, fantasiosa, cuja banda alude à Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, 1918.



Data: 01.02.2026

Título: Sidónio Pais O rosto da utopia efémera de uma "República (quase) ova

Pub:

SUPER
INTERESSANTE

SUPLEMENTO
ESPECIAL

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Revista Especializada Mensal

Secção: Nacional

Pág: 105;104;106;107;108;

A vivência política de Sidónio não durou assim mais do que um breve lapso de tempo – do golpe de estado desencadeado a 5 de outubro de 1917 à sua morte, em 14 de dezembro de 1918. Um ano e nove dias de uma aventura a vários títulos surpreendente, com um rasto marcante, mas inconsequente. Fora uma morte anunciada, pois, ao jeito de um ensaio geral, “a 6 de dezembro de 1918, um jovem disparara três vezes sobre o Presidente, quando este entrava no carro, em Belém. As balas tinham sido embebidas em veneno, pelo que ficam inutilizadas e Sidónio saiu ileso”. A identidade do autor deste atentado levanta dúvidas: Júlio Baptista, para uns, chama-se Luís Maria, no dizer de outros.

O atentado fatal, porém, terá sido concretizado (alegadamente) por um ativista republicano, José Júlio da Costa, natural de Garvão. O destino deste José Júlio seria também surpreendente, acabando por morrer, 28 anos depois, nas instalações do Hospital Miguel Bombarda, ignorado por todos e sem nunca ter ido a julgamento.

As opiniões a respeito de Sidónio Pais vão dividir-se desde cedo, entre os que o criticaram, rebaixaram e até caricaturaram, e os que o temeram, promoveram e consideraram um “salvador da Pátria”, afirmando que “incontestavelmente foi uma das maiores figuras do século”.

Nessa mesma altura, no entretanto e lamentando-se, dizia Augusto Casimiro: “Portugal não vive como Pátria!”³.

Aqui citamos de passagem as palavras de Alfredo de Freitas Branco, também conhecido como Visconde do Porto da Cruz que ia mais longe na idolatria: “O Futuro

3 CASIMIRO, Augusto. (1919). *Sidónio Pais (algumas notas sobre a intervenção de Portugal na Grande Guerra)*. Porto: Imprensa Moderna, p. 13.



Numa das varandas do palácio de Belém, Sidónio Pais lê à multidão o telegrama do rei de Inglaterra felicitando Portugal pela sua participação na vitória dos aliados.

Ilustração Portuguesa, 1918, 18 de novembro. Fotografia de Joshua Benoliel, Arquivo Fotográfico Município de Lisboa.



Data: 01.02.2026

Titulo: Sidónio Pais O rosto da utopia efémera de uma "República (quase) ova

Pub:

SUPER
INTERESSANTE

SUPLEMENTO
ESPECIAL

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Revista Especializada Mensal

Secção: Nacional

Pág: 105;104;106;107;108;

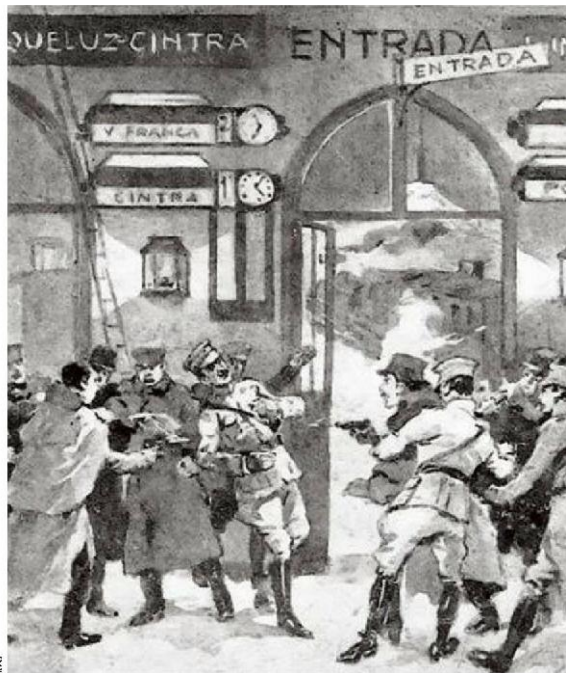
um dia lhe fará justiça (...). Foi ele o precursor do Fascismo. Foi ele quem ensinou e encorajou a luta contra a desordem. Foi ele o primeiro a assentar no caminho para o futuro..."⁴. O próprio poeta Fernando Pessoa contribuiu para a sua lenda e perpetuação memorial, apelidando-o de soldado-rei numa "ode tardia" (para usar expressão do historiador João Medina): "Soldado-rei que oculta sorte / Como em braços da Pátria ergueu, / E passou como o vento norte / Sob o ermo céu"⁵.

Ao visitarmos hoje a casa onde nasceu, feias ruínas com frentes para a Rua Direita e o Largo da Matriz, em Caminha, no Minho, não encontramos mais do que destroços incaracterísticos, restos de uma estrutura de granito, apagada pelo tempo. É talvez chocante registar que os mesmos vestígios arquitetónicos foram recentemente usados, em julho de 2025, transformados pela autarquia caminhense, como improvisado e degradante urinol público, ali instalado para a Feira Medieval de Caminha, ligado por um tubo à rede de saneamento público. Tudo isto, somando-se o anúncio nunca cumprido da edificação de um museu dedicado à sua figura, da autoria do arquiteto Nuno Brandão da Costa, e anunciado muitas vezes sem qualquer desenvolvimento posterior, contribui muito pouco para a perpetuação do mais ilustre filho de Caminha.

Sidónio quis, num hiato de pouco mais de um ano, fazer crer ao mundo que era possível construir uma República nova, como se a República que ele abalou com um golpe de Estado e sequente ditadura tivesse, com mais ou menos sete anos de vida, envelhecido o suficiente para exigir que a remoçassem.

Sidónio Pais instaurou, mesmo assim, a chamada «República Nova», um regime presidencialista de cariz autoritário, centrado no culto da figura presidencial. Era o ato extremo de um homem autocentrado que impunha um projeto de poder

pessoal, e pouco mais. Na realidade, pouco trouxe a um percurso nacional feito aos tropeções e com feridas insolúveis. Recorde-se que milhares de jovens portugueses combatiam na frente europeia da Primeira Guerra, que os que ficaram no Portugal continental alimentavam pouca perspetiva de vida ou de progresso, que a fome ganhava expressão em todo o território e até as convicções mais profundas, como as espirituais que tanto acompanhavam o ser português munido ao longo dos séculos das suas profundas convicções e crenças, viviam profunda ansiedade e expectativa (entre o cumprimento da Lei da Separação do Estado das Igrejas, publicada em 20 de abril de 1911, aplicada em nome do princípio fundamental da ideologia republicana, a laicização do Estado e o deslumbramento perante as notícias de um fenómeno



Bilhete-Postal de 1919, retratando o assassinato do Presidente Sidónio Pais na Estação Ferroviária de Lisboa-Rossio, no dia 14 de Dezembro de 1918.

4 CRUZ, Visconde da. (1928). *Paixão e Morte de Sidónio*. Funchal: Typographya Esperança.

5 Cf. DUARTE, Luiz Fagundes edição de. (2020). *Fernando Pessoa Poemas Publicados em Vida I DISPERSOS*. Lisboa: Imprensa Nacional.



Data: 01.02.2026

Título: Sidónio Pais O rosto da utopia efémera de uma "República (quase) ova

Pub:

SUPER
INTERESSANTE

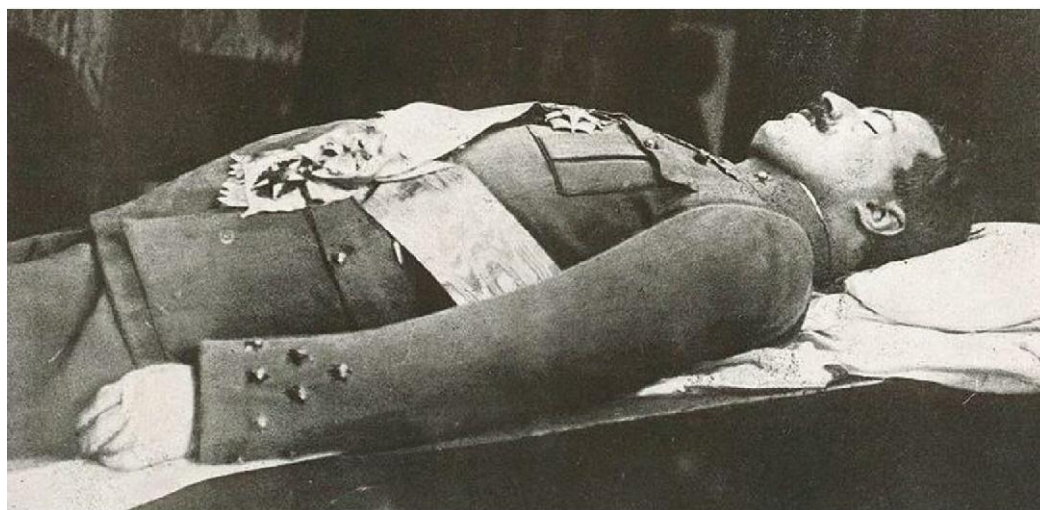
SUPLEMENTO
ESPECIAL

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Revista Especializada Mensal

Secção: Nacional

Pág: 105;104;106;107;108;



Sidónio Pais, Presidente da República, em câmara ardente na Sala Luís XV, hoje chamada Sala dos Embaixadores, no Palácio de Belém. 17 de Dezembro de 1918.

religioso que se dizia ter ocorrido em Fátima e que dava a um povo com fome de Deus e saudoso da figura paternal de um monarca, a alegria de contactar diretamente com manifestações que apaziguavam as suas maiores carências místicas e afetivas).

Na realidade, a República portuguesa era ainda um ato experimental, confuso e difuso, caótico, mas ativo, com sete anos de vida mal contados.

Um golpe de Estado faz-se num par de horas, em especial se tiver a força das armas. Uma Revolução exige um esforço de vida inteira.

O exercício do poder de Sidónio Pais, ao contrário do período antecedente, foi um atrevimento musculado. Nasce num dos maiores banhos de sangue operados entre 1910 e 1926 – com o derrube do poder pela força e combates nas ruas, com uma modesta parte do exército, que não integrara as forças de combate na Europa, no cenário terrível da I Guerra Mundial, a mostrar a sua força – e não passa de um narcísico projeto de poder pessoal que se dilui muito rapidamente em desaires e incapacidades variadas.

Para alguns, herói, para outros, vilão. Para alguns, aquele que podia ter levado Portugal à prosperidade e à glória; para outros, o primeiro protagonista dos fascismos europeus que destruíram o mundo (depois dele Mussolini fundou o movimento fascista, em 23 de março de 1919, numa reunião feita na cidade de Milão e a presença do ódio criaria, a partir daí, o pior século da história universal).

A instabilidade política, as constantes remodelações ministeriais, os protestos do movimento operário e dos partidos republicanos na oposição, o recurso à censura, o aumento da repressão policial, a participação de Portugal na Grande Guerra, o surto de gripe pneumónica e a crise social e económica são alguns dos fatores que contribuem para o declínio do sidonismo.

No dia 21 de dezembro de 1918, entre a Câmara Municipal e o Mosteiro dos Jerónimos, as cerimónias e o cortejo fúnebre são acompanhados por milhares de pessoas em clima de emoção e de revolta.

É a despedida final ao Grande Morto. E é o fim da República Nova que durou apenas 374 dias. ■

Área: 2863cm² / 65%

Tiragem: 59.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 8284268